



CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DE HISTÓRIA PARA O PROJETO “NÓS PROPOMOS! CIDADANIA E INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA”

CONSIDERATIONS ON THE CONTRIBUTIONS OF HISTORY TEACHING TO THE PROJECT “WE PROPOSE! CITIZENSHIP AND INNOVATION IN GEOGRAPHIC EDUCATION”

CONSIDERACIONES SOBRE LAS APORTACIONES DE LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA AL PROYECTO “¿PROPONEMOS! CIUDADANÍA E INNOVACIÓN EN LA EDUCACIÓN GEOGRÁFICA”

Odair Ribeiro de Carvalho Filho

Centro Paula Souza (CPS), Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, or.cf@usp.br

José Faustino de Almeida Santos

Centro Universitário Barão de Mauá (CBM), Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, prof.faustino@hotmail.com

Andrea Coelho Lastória

Universidade de São Paulo (USP), Piracicaba, São Paulo, Brasil, lastoria@usp.br

Resumo: O Ensino de História e de Geografia na Educação Básica carrega grandes responsabilidades quanto à aprendizagem dos conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade. Desta forma, ao estudar o tempo passado e as relações homem-natureza no espaço geográfico, pode haver uma compreensão poderosa de dada realidade social e, conseqüentemente, uma leitura, interpretação e intervenção no mundo, fundamentadas nos conhecimentos científicos dos componentes curriculares de História e de Geografia pelos estudantes. Nesse sentido, este artigo teve como objetivos identificar e analisar as contribuições de conceitos históricos aprendidos no Ensino de História para o desenvolvimento de um projeto de Ensino de Geografia denominado “Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica”, que coloca os estudantes como agentes protagonistas produtores de conhecimentos e seus saberes a partir de seus lugares de vivências cotidianas. Diante desse contexto, foi fundamental entender as contribuições de conceitos históricos para auxiliar no desenvolvimento desse projeto internacional. A pesquisa teve abordagem qualitativa e se constituiu por uma revisão bibliográfica em torno de conceitos como Consciência Histórica, Interdisciplinaridade, História Local e Memória. Além disso, foi realizada uma reflexão autoral da relação desses conceitos com práticas docentes possíveis durante as etapas do referido projeto. Teve-se como resultado, reflexões e proposta de um quadro conceitual que afirmaram algumas potencialidades da História e da Geografia e de seu ensino para a formação cidadã consciente, crítica e criativa, convergentes com o projeto “Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica” e suas ações - pretéritas, presentes e futuras - no âmbito da pesquisa, ensino e extensão, com foco nos estudantes da Educação Básica.

Palavras-chave: ensino de história; ensino de Geografia; projeto Nós Propomos!; teoria da história; interdisciplinaridade.



Abstract: The teaching of History and Geography in Basic Education carries significant responsibilities regarding students' learning of the knowledge historically accumulated by humanity. Thus, by studying the past and the Society-Nature relationships that shape geographic space, students may develop a powerful understanding of a given social reality and, consequently, the ability to read, interpret, and intervene in the world, using tools provided by the curricular components of History and Geography. In this sense, the present study aims to identify and analyze the contributions of historical concepts learned in History education to the development of a Geography teaching project titled "We Propose! Citizenship and Innovation in Geographic Education." This project positions students as leading agents and producers of geographic knowledge based on their everyday lived spaces. Given this context, it is essential to understand how historical concepts support the development of this international project. The research adopts a qualitative approach and consists of a literature review focused on concepts such as Historical Consciousness, Interdisciplinarity, Local History, and Memory. In addition, we provide an authorial reflection on the relationship between these concepts and possible pedagogical practices during the stages of the project. As a result, we offer reflections and propose a conceptual framework that highlights certain potentialities of School History and Geography regarding citizenship education. Such education, understood as conscious, critical, and creative, underscores the "We Propose! Citizenship and Innovation in Geographic Education" project and its past and future actions within research, teaching, and outreach, with a focus on Basic Education students.

Keywords: teaching history; teaching Geography; project We Propose!; theory of history; interdisciplinarity.

Resumen: La enseñanza de Historia y Geografía en la Educación Básica conlleva una gran responsabilidad en el aprendizaje del conocimiento acumulado históricamente por la humanidad. Por lo tanto, al estudiar el pasado y las relaciones entre la sociedad y la naturaleza en el espacio geográfico, se logra una comprensión profunda de la realidad social y, en consecuencia, los estudiantes pueden leer, interpretar e intervenir en el mundo con base en las herramientas de los componentes curriculares de Historia y Geografía. En este sentido, el presente trabajo busca identificar y analizar las contribuciones de los conceptos históricos aprendidos en la enseñanza de la Historia al desarrollo de un proyecto de enseñanza de Geografía denominado "¿Nosotros Proponemos! Ciudadanía e Innovación en la Educación Geográfica". Este proyecto posiciona al alumnado como protagonista y generador de conocimiento geográfico basado en sus experiencias cotidianas. En este contexto, es fundamental comprender las contribuciones de los conceptos históricos para el desarrollo de este proyecto internacional. La investigación tiene un enfoque cualitativo y consiste en una revisión bibliográfica centrada en conceptos como Conciencia Histórica, Interdisciplinariedad, Historia Local y Memoria. Además, llevamos a cabo una reflexión autoral sobre la relación entre estos conceptos y las posibles prácticas pedagógicas durante las etapas del proyecto mencionado. Nuestros resultados incluyen reflexiones y una propuesta de marco conceptual que afirma parte del potencial de la Historia y la Geografía Escolar en relación con la educación cívica. Este enfoque consciente, crítico y creativo destaca el proyecto "¿Nosotros Proponemos! Ciudadanía e Innovación en Educación Geográfica" y sus acciones pasadas y futuras en las áreas de investigación, docencia y extensión, con enfoque en estudiantes de Educación Básica.

Palabras clave: enseñanza de la historia; enseñanza de la Geografía; proyecto ¿Proponemos!; teoría de la historia; interdisciplinariedad.

Introdução

A Escola, por meio da Educação crítica e reflexiva, realizada pelo Ensino de História e de Geografia, pode contribuir para os estudantes da Educação Básica¹ interpretarem o mundo e seu lugar nele, suas vivências e suas interações. Essa Educação permite aos estudantes acessar e articular os conhecimentos produzidos e acumulados historicamente pela humanidade no seu cotidiano e nas suas realidades locais, nos seus lugares. Segundo Prado (2021, p. 79),

[...] a escola continua sendo o lugar fundamental para a ampla socialização das crianças e adolescentes, para o conhecimento da diversidade e pluralidade das sociedades em que vivem, para ampliação do olhar sobre o mundo e para um aprendizado integral que os prepare para enfrentar o futuro mercado de trabalho e para as regras da convivência democrática em sociedade.

De forma particular, o Ensino de Geografia e História desenvolve capacidades cognitivas de análise espacial, temporal e social dos fenômenos globais e locais, a partir de conceitos e categorias teóricas (Callai, 2004; Bittencourt, 2011). Para contribuir com esses processos formativos que envolvem Educação, ensino e formação cidadã, foi criado, pelo professor Sérgio Claudino, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT), da Universidade de Lisboa (UL), em Portugal, no ano letivo 2011/2012², o Projeto “Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica” (PNP)³. O referido projeto tem como princípio promover aos estudantes o ensino e a aprendizagem da cidadania territorial. O conceito de cidadania territorial envolve as ações da população e está “[...] diretamente relacionado com a apropriação, transformação e identificação das comunidades com o território em que habitam” (Claudino, 2014, p. 5). Nesse sentido, a perspectiva assumida e fomentada pelo PNP é de que os estudantes devem ser agentes ativos, protagonistas em suas vidas, na escola, na comunidade e em seus lugares de vivência (Silva Neto; Nunes; Araújo, 2025).

O projeto pratica uma ressignificação das relações sociais entre a Escola, o ensino, a comunidade e o poder público local. Assim, tem-se um projeto de Ensino de Geografia potente e poderoso que tem sido realizado em diversas localidades da Iberoamérica, inclusive no Brasil. No entanto, precisa-se questionar: qual a relação da História e do Ensino de História com o PNP? Pode-se pensar e desenvolver conteúdos ou conceitos advindos do campo da História e

¹ No Brasil, a Educação Básica é composta do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e do Ensino Médio (1º ao 3º ano), conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/1996 (Brasil, 1996).

² Na Europa, o ano letivo começa em setembro de um ano e termina em julho do ano seguinte.

³ Neste trabalho, optou-se por usar a sigla PNP, da mesma forma que na tese de Carvalho Sobrinho (2021).

do Ensino da História para enriquecer e maximizar os conhecimentos relacionados ao PNP na Geografia?

Diante destas questões, este artigo teve como objetivos identificar e analisar as contribuições de conceitos aprendidos no Ensino de História para o desenvolvimento do PNP. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa com uma revisão bibliográfica em torno de conceitos como Consciência Histórica, Interdisciplinaridade, História Local e Memória. Além disso, foi realizada uma reflexão autoral da relação desses conceitos com práticas docentes possíveis de serem feitas durante as próximas etapas do referido projeto e foram sintetizadas as nossas considerações em um quadro para formar e informar aos professores pesquisadores.

Mediante estes aspectos, o trabalho foi dividido em quatro seções no sentido de possibilitar a construção de uma reflexão teórico-metodológica pertinente para o campo do Ensino de História e do Ensino de Geografia. Na primeira, foram destacados a História e o Ensino de História para a formação cidadã a partir de suas funções na Educação Básica, o que implicou a constituição do pensamento histórico e a formação da Consciência Histórica. Na segunda, descreveu-se a relação entre o Ensino de Geografia e a formação cidadã no contexto do PNP.

Na terceira, foram articulados os conceitos de Consciência Histórica, Interdisciplinaridade, História Local e Memória, presentes no Ensino de História, como forma de contribuir com os professores e estudantes para o desenvolvimento do referido projeto em diversas localidades do Brasil e da Iberoamérica⁴. Na quarta e última seção, foram tecidas as considerações finais fundamentadas nas reflexões construídas, proporcionadas por um refinado conhecimento geográfico e histórico, autores do campo do Ensino de História e de Geografia, da formação cidadã e da Educação Crítica. Destaca-se que este artigo foi entendido como um estudo na forma de ensaio teórico que poderá fortalecer a presença do componente curricular História nas futuras práticas de pesquisa, ensino e extensão do referido projeto internacional.

A história e o ensino de história para a formação cidadã

Segundo Pinsky e Pinsky (2021), o Ensino de História é uma mediação pertinente para combater negacionismos, discriminações, etnocentrismos, discursos de ódio, entre outros conceitos que afetam o tecido social, a convivência democrática e as conquistas da cidadania. Em concordância com essa ideia, Prado (2021) afirmou que a História e seu ensino constituem

⁴ Utilizou-se esse termo para designar os Espanha, Portugal e países da América Latina, no entanto, o projeto atualmente tem abrangência internacional, presente em países como Moçambique, Laos e Timor-Leste.

a base da existência e de reafirmação da identidade de muitos povos e grupos sociais. Além disso, “[...] concorre para a ampliação do universo cultural e político desses grupos e contribui para a elaboração de novas formas de lutas e resistências” (p. 54).

De modo análogo, Boschi (2007, *apud* Guimarães, 2012) afirmou que a História e seu ensino servem para que cada pessoa conheça a si mesma a partir das semelhanças e das diferenças com os outros. O autor lembrou que o primeiro benefício ao se saber quem somos permite-nos definir com mais consciência aonde se vai, o que fica evidente nas melhores possibilidades de nos posicionarmos a partir do conhecimento histórico, frente a questões como: Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? Em suma, para Boschi (2007, *apud* Guimarães, 2012, p. 41), a função mais profunda da História é “[...] dar sentido à vida pela compreensão de uma totalidade da qual fazemos parte; dar sentido social primeiramente à comunidade que nos rodeia, depois à espécie humana como um todo [...]”

Com essa mesma perspectiva, Rüsen (2007, 2010) defendeu que a cultura histórica se refere ao campo das potencialidades que a racionalidade do pensamento histórico tem para contribuir na orientação da vida prática e, assim, formatar a Consciência Histórica humana, ou seja, “[...] é nesse campo que os sujeitos agentes e padecentes logram orientar-se em meio às mudanças temporais de si próprios e de seu mundo [...]” (Rüsen, 2007, p. 121).

No pensamento rüseneano, a Consciência Histórica foi e é produto da cultura histórica que corresponde à soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo (Rüsen, 2010). Por isso, Rüsen (2007, 2010) defende que a Ciência Histórica, seu ensino e sua relação com a vida prática são inseparáveis, conforme propõe na sua matriz disciplinar do pensamento histórico (Figura 1).

Figura 1 - Matriz disciplinar do pensamento histórico proposto por Rüsen, 2010



Fonte: Rüsen (2010, p. 35).

Como se pode observar, a referida matriz tem cinco perspectivas: 1) interesses; 2) ideias; 3) métodos; 4) formas de apresentação; e 5) funções. De forma sintética, - interesses - referem-se às necessidades da vida prática por orientação da vida humana frente às transformações temporais. Elas emergem do tempo presente e geram perguntas orientadoras também para pesquisa histórica sobre o passado. Esse tipo de operação cognitiva que articula intencionalmente o passado com o presente implica as ideias - servem de referência para a ação, pois as ideias servem para transformar as carências motivadoras em vontade - consciente e clara - de agir.

Por isso, para Rüsen (2010, p. 32), as ideias conferem à vontade de agir “[...] a ‘direção’ intencional que conforma a ação. Elas organizam a interpretação que os homens têm de dar de si mesmos e do mundo, ao quererem agir (ou modificar esse mundo)”.

Antes de passarmos para o terceiro fator da matriz disciplinar, cabe salientar que a falta da reflexão sobre a experiência impossibilita a ação consciente, pois não produz aprendizagem. Para que a experiência seja, entretanto, objeto de reflexão, é preciso desenvolver ideias ou, como afirma o Rüsen (2007), estabelecer critérios de orientação de sentido.

A terceira perspectiva da matriz refere-se aos métodos da pesquisa empírica que correspondem a um “[...] conjunto de regras que orienta [e regula] o trabalho de pesquisa do historiador [...]” (Rüsen, 1997, p. 84). São essas regras que dão às pesquisas históricas os contornos científicos, pois nem toda ideia é compatível com os requisitos metódicos de sua efetivação como conhecimento empírico. Os mesmos princípios valem para os produtos

elaborados pelo historiador, referidos na matriz disciplinar como a quarta perspectiva - formas de apresentação - e que incluem textos historiográficos, materiais audiovisuais, entre outros. Seja qual for o suporte e o meio, o produto do trabalho do historiador é fundamentado em um texto que corresponde a uma produção narrativa que busca comunicar saberes históricos.

Em síntese, as formas de apresentação são tão relevantes quanto os métodos para a pesquisa histórica, pois orientam a produção historiográfica elaborada para responder às carências de orientação ou interesses que, por sua vez, foram organizados pelas ideias e perspectivas orientadoras da experiência do passado e sistematizadas com base em regras da pesquisa empírica, métodos e que, finalmente, ofereceram com a historiografia resultados cognoscitivos a serviço da orientação existencial, que é a quinta e última perspectiva da matriz.

Segundo Rüsen (2010, p. 34), as funções de orientação existencial devem ser tomadas como elementos inerentes e que fundamentam o pensamento histórico e da historiografia, “[...] na medida em que se quer saber por que é racional fazer história como ciência e em que consiste essa ‘racionalidade’ [...]”, diretamente vinculada à vida prática, o que inclui a escolarização e a cidadania.

O ensino de Geografia e o projeto Nós Propomos!

7

A ciência geográfica tem como objetos de estudo o Espaço Geográfico e a relação homem-natureza por meio de uma abordagem problematizadora e crítica. Esse Espaço é construído e transformado pela ação antrópica, em suas múltiplas formas e em suas escalas de análise espacial. Nesse cenário, o uso do trabalho humano e de suas técnicas e tecnologias é fundamental e caracteriza as marcas humanas no Espaço, pois, toda técnica é uma História embutida, no sentido de que, “[...] através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação” (Santos, 2017, p. 48).

Diante disso, a técnica passou a ser entendida como um fenômeno histórico que foi criado ao longo do tempo e do espaço e foi inserida na escala de lugar e de mundo. O lugar recebe os princípios da própria História, por meio das técnicas, o que fez com que sua base empírica seja substituída por efetividade histórica, porém, no lugar, não há técnicas isoladas, mas, sim, técnicas de diferentes idades que operam juntas (Santos, 2017). Assim, os lugares são responsáveis por redefinir as técnicas, que caracterizam uma civilização, sendo o aspecto paisagístico fundamental para técnicas de exploração.

Assim, espera-se que o Ensino de Geografia promova aprendizagens que possibilitem a análise do Espaço Geográfico e de suas contradições a partir do Cotidiano e do Lugar dos estudantes da Educação Básica. Em outras palavras, faz-se coro com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 38), segundo as quais, o Ensino de Geografia contribui “[...] para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo [...]”.

Para estudar e compreender o mundo, “[...] o espaço tem um papel privilegiado, uma vez que ele cristaliza os momentos anteriores e o Lugar de encontro entre esse passado e o futuro, mediante as relações sociais do presente que nele se cristalizam” (Santos, 1996, p. 122). Essa é a perspectiva de espaço que permite encaminhar a discussão da educação para a formação cidadã. Além disso, é no Lugar que a população cria e traça sua trajetória de vida por meio de uma ampla e complexa relação entre o global e o local por meio do cotidiano vivido (Callai, 2018). A História das vidas pessoais e coletivas auxilia a conhecer e a atribuir sentido aos lugares, em suas particularidades, e a deixar suas marcas para interpretar esse mundo.

Essas concepções sobre a Geografia, o Espaço geográfico e a força do Lugar para a Educação e para o Ensino de Geografia como promotor da valorização da comunidade e de suas particularidades, com aproximações frutíferas com a escola, estão no cerne da criação do PNP.

Tal projeto foi pensado e materializado, no ano letivo 2011/2012, como uma proposta de Ensino de Geografia, por iniciativa do professor Sérgio Claudino, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT), da Universidade de Lisboa (UL), em Portugal. A referida proposta focaliza as ações de ensino e a aprendizagem de Geografia com os estudantes, que, por sua vez, assumem uma concepção de agentes ativos do conhecimento escolar e científico. O plano é construído com fundamentos em um repertório teórico-metodológico refinado e rico em aportes conceituais do campo da Geografia e do Ensino de Geografia (Gomes, 2023). Atualmente, é desenvolvido em inúmeros estados-nação a partir de Portugal. Em 2014, chegou ao Brasil e expandiu-se por muitas escolas, universidades, institutos e grupos de pesquisa sobre o Ensino de Geografia. Notou-se uma ampla rede de investigação no campo do ensino, da pesquisa e da extensão com relação ao projeto (Gomes, 2022, 2023; Moraes *et al.*, 2022).

O projeto é construído e realizado por meio de princípios norteadores, constituídos de passos para a operacionalização que podem ser adaptados, conforme o contexto de cada localidade. Segundo Claudino (2019, p. 39) e Carvalho Filho *et al.* (2022, p. 6), esses princípios são os seguintes: “1. Cidadania territorial; 2. Simplicidade metodológica; 3. Flexibilidade; 4. Investigação; 5. Construtivismo; 6. Diálogo/horizontalidade; 7. Parcerias; 8. Valorização de

diferentes competências; 9. Multidisciplinaridade; e 10. Divulgação. Sua implementação implica a mediação de grupos de pesquisa, universidades e escolas da Educação Básica”.

Existe uma estreita relação entre os princípios e os passos ou fases do projeto, junto a professores universitários e da Educação Básica, gestores e comunidades escolares em geral (Carvalho Filho *et al.*, 2022). Entende-se que o projeto aproxima, assim, a escola e as comunidades locais ao promover a valorização dos estudantes em contato constante com os problemas da localidade e possíveis intervenções. Segundo Basílio, Araújo e Oliveira (2025, p. 23), o PNP, a partir dos saberes da Geografia, “[...] conduz o educando, por exemplo, a uma não acomodação perante as mazelas sociais onipresentes na cotidianidade socioespacial e a uma consciência questionadora dos fenômenos que estruturaram tal realidade”. Sob esta ótica, tais aprendizagens também impactam a formação da Consciência Histórica, posto que a investigação desse cotidiano socioespacial se constitui a partir de um processo temporal, a partir do entendimento do tempo no passado para relacioná-lo ao presente de forma crítica e problematizadora.

Entende-se que o PNP, do ponto de vista da História científica e do seu ensino, também tem pertinência, tanto para contribuir quanto para receber aportes, pois essa não acomodação frente às mazelas do tempo presente, referidas por Basílio, Araújo e Oliveira (2025), correspondem aos interesses que suscitam ideias sobre as experiências e o conhecimento do passado, de modo a instigar a ação, sendo que ambas, as ideias e as ações, vão implicar o método, a historiografia e a busca por orientação, conforme explicitado anteriormente com a matriz disciplinar do pensamento histórico, proposta por Rüsen (2010). Consequentemente, a formação cidadã está no centro do referido projeto, na medida em que, ao estudar os conteúdos de Geografia, os estudantes desenvolvem conhecimentos que impactam sua Consciência Histórica e, portanto, suas ações, com início pelo modo como observam, analisam, sistematizam, sintetizam e, finalmente, intervêm no mundo a partir de sua localidade. Assim, o PNP fomenta a articulação dos conhecimentos escolares e científicos - especialmente da Geografia e da História - com os conhecimentos legislativos em prol da melhoria e da qualidade de vida da comunidade local.

O PNP rompe com o ensino tradicional de Geografia e inova ao propor uma ação efetiva dos estudantes em favor de sua aprendizagem. Estimula os docentes a serem mediadores do conhecimento e avança na proposta de conhecer, investigar e intervir no lugar de vivência (Carvalho Filho, 2020; Carvalho Filho; Lastória; Fernandes, 2019; Carvalho Sobrinho, 2021; Carvalho Sobrinho; Carvalho Filho; Lastória, 2021). Segundo Claudino e Coscurão (2020, p. 15), o PNP “[...] implica uma alteração das rotinas escolares, porque significa um novo percurso

de identificação de um problema, trabalho de campo com recolha de informações diretas no território em que se habita e que é elevado, agora, a objeto de estudo”.

Destarte, tem-se que o conceito de cidadania territorial é o motor do desenvolvimento do projeto, pois, ao investigar os bairros, o entorno da escola, ao propor intervenções com base nos conhecimentos escolares, científicos e legislativos, o estudante se apropria de instrumentos da cidadania para transformação dos territórios em prol do coletivo e da justiça social (Silva Neto, 2023). Como forma de contribuição na discussão, o estudo de Silva Neto, Nunes e Araújo (2025) admite que o PNP auxilia os estudantes a compreender o Espaço Geográfico e seus Lugares a partir da historicidade dos processos em uma Educação crítica que inclui dinâmicas históricas, culturais e baseada na experiência concreta do cotidiano.

As contribuições e os caminhos possíveis: reflexão teórico-metodológica

Com a intenção de ampliar a análise do PNP, foram feitas reflexões teórico-metodológicas das categorias: Consciência Histórica, Interdisciplinaridade, História Local e Memória. Ainda na esteira das contribuições de Rüsen (2007, p. 91), é oportuno explicitar que as funções do saber histórico podem ser elencadas a partir das dimensões da Teoria da História e da Didática da História, entendidas, respectivamente, como as práticas científicas de validação e a regulação dos saberes históricos e os processos de aprendizado histórico que se dão tanto na escolarização, especialmente nas aulas de História e Geografia, quanto “[...] nos mais diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes, nos quais a consciência histórica desempenha um papel [...]” ligado à orientação temporal.

Para o autor, ambas as dimensões, Teoria e Didática da História, não podem ser entendidas a partir de uma lógica de fragmentação nem de antagonismo, pois ambas partem de tudo aquilo que fundamenta e constitui as operações cognitivas e existenciais da Consciência Histórica, mas se desenvolvem em direções distintas e complementares. Enquanto a Teoria da História investiga as possibilidades e os limites de cada hipótese que emerge sobre os saberes históricos, a Didática da História pesquisa “[...] as chances de aprendizado da consciência histórica” (Rüsen, 2007, p. 93).

A Didática, na perspectiva de Rüsen (2007, p. 94), pode ser pensada para além do campo da Pedagogia ao assumir as reflexões ligadas às atividades e às funções da Consciência Histórica no sentido da aprendizagem que desenvolve as competências “[...] necessárias para resolver problemas práticos de orientação com o auxílio do saber histórico”. Os referidos problemas, carências e demandas da vida prática podem ser sintetizados na necessidade

cotidiana de formação cidadã. Segundo Guimarães (2012), a formação cidadã tem sido buscada incessantemente pelos professores de História da escola básica. A autora admite que o Ensino de História ainda é marcado pela manutenção das perspectivas educacionais tradicionais, as quais, sob a ótica dos atores, ganharam mais vigor nas últimas décadas com a emergência do que Apple (2006, p. 13) chamou de “[...] democracia ‘magra’ visada pelos neoliberais [...]” que reduz a cidadania à possibilidade de consumir mercadorias.

Guimarães (2012) afirmou que, frente a esse cenário adverso, os agentes que produzem e desenvolvem o Ensino de História no Brasil têm caracterizado esse campo pela busca do fim da exclusão e pelo permanente combate aos preconceitos, às diversas formas de submissão e de marginalização. Tal posição é evidenciada no enfrentamento das condições precárias de trabalho, em que docentes e discentes desenvolvem com criatividade e criticidade inúmeros currículos, projetos e práticas educativas no interior das culturas escolares, comprometidas com “[...] a análise crítica da diversidade da experiência humana [...]” (Guimarães, 2012, p. 156).

Essa opção, por formar pessoas capazes de construir uma sociedade caracterizada pelos direitos humanos, democracia e paz (Guimarães, 2012), converge com a perspectiva rüseneana, segundo a qual a Didática da História contribui para a Teoria da História quando elabora problemas da aprendizagem histórica que emergem do cotidiano e, a partir de tais problemas, produz conhecimento que incrementa a Consciência Histórica, a qual é, por sua vez, ponto de encontro da Didática da História com a Teoria da História. Em suma, o reconhecimento dessa imbricação mútua é o primeiro passo para o desenvolvimento da formação histórica pertinente ao exercício crítico e criativo da cidadania, pois incrementa a constituição da identidade (quem sou?) e o desenvolvimento da práxis (como posso ser com os outros e intervir no mundo?).

Uma proposta com a natureza do PNP abre caminho para as perspectivas da História e do Ensino de História, capazes de promover a inovação científica, educacional e social que exemplificou o tipo de prática/projeto que Guimarães (2012) descreve como crítica e criativa e que se pode afirmar como pertinente para o desenvolvimento da Consciência Histórica. A interdisciplinaridade implica diversos desafios inerentes ao enfrentamento da tradicional fragmentação do conhecimento, entretanto, é incontornável, uma vez que “[...] o mundo é um só. Ele é visto através de um dado prisma, por uma dada disciplina, mas, para o conjunto de disciplinas, os materiais constitutivos são os mesmos” (Santos, 2017, p. 20).

No âmbito do projeto, tem-se, conforme já apresentado, que o programa prioriza a multidisciplinaridade, o construtivismo, as parcerias em rede e a investigação dos lugares. Embora a Geografia seja o componente curricular central, é necessário articular outros componentes curriculares para que os estudantes interpretem o mundo e seu lugar.

No bojo das referidas inovações no campo da História, emerge a História Local, que, para não reproduzir os mesmos silenciamentos dos sujeitos históricos marginalizados na tendência historiográfica tradicional, precisa criar “[...] vínculos com a memória familiar, do trabalho, da migração, das festas” (Bittencourt, 2011, p. 169) entre outros elementos do cotidiano vivido pelas pessoas chamadas “comuns”. Além da Memória, Bittencourt (2011) recorda a importância da articulação da História Local com o Lugar, pois, como ensina Santos (2017), apesar da singularidade, cada Lugar é uma fração da totalidade e sobre esta relação do Lugar com os âmbitos nacional e global, a investigação da ontologia do Espaço é elucidativa.

Santos (2017, p. 116) propõe o entendimento do Lugar como categoria do Espaço, a partir da noção de totalidade, o que implica compreender que todas as coisas do mundo, ou até do universo, seriam as partes integrantes do todo, porém, a totalidade não é a mera soma das partes, até porque “[...] o Todo é maior que a soma das partes [...]”.

Tais relações são dotadas de movimento contínuo, por isso, há uma constante evolução da totalidade que segue na direção de se tornar outra e continuar a ser totalidade. Santos (2017, p. 117), ao descrever essa contínua metamorfose, afirmou que o processo histórico é um movimento de complexificação no qual “[...] a totalidade se vai fazendo mais densa, mais complexa [...]”, ou, ainda, como resumiu o autor: a totalidade é incompleta, por isso, está sempre em movimento de busca por se totalizar, exatamente como vê-se em cada Lugar, seja na cidade, no campo, onde os seres humanos ordinários promovem transformações que retratam “[...] o movimento permanente que interessa à análise geográfica: a totalização já perfeita, representada pela paisagem e pela configuração territorial e a totalização que se está fazendo, significada pelo que chamamos de espaço” (Santos, 2017, p. 119).

Além disso, tem-se que “[...] o espaço construído reflete os resultados das relações entre os homens, das histórias que se materializam nas paisagens, das edificações e das memórias” (Callai, 2018, p. 14). Os costumes de cada cultura são carregados de histórias e de memórias com sentimentos e os remetem às pessoas e suas próprias identidades, o que significa a identidade singular.

Conhecer o Lugar é um processo fundamental para construir o sentimento de pertencer e de se formar para a cidadania. O Lugar é formado por um processo histórico vinculado à produção de técnicas. “Todo e qualquer período histórico se afirma com um elenco correspondente de técnicas que o caracterizam e com uma família correspondente de objetos. Ao longo do tempo, um novo sistema de objetos responde ao surgimento de cada novo sistema de técnicas” (Santos, 2017, p. 96). O estudo do Lugar no tempo histórico é olhar e interpretar a

História Local para desvendar o que aconteceu? Por que aconteceu? Como aconteceu? Com que aconteceu? Quais os impactos do acontecido no Lugar?

Diante disso, “[...] enquanto novos objetos se instalam [...] em algumas áreas urbanas, na maior parte da aglomeração permanecem objetos herdados representativos de outras épocas” (Santos, 2017, p. 307), o que evidentemente reverbera na formação da Consciência Histórica - produto da cultura histórica -, anteriormente referida.

Na continuidade desta análise, o conceito de Memória apresenta uma dimensão complexa e eficaz, tanto para os pesquisadores quanto para os professores. Entende-se a memória como propriedade de armazenar e de atualizar informações, proporcionar que a História narre as ações humanas tanto do presente quanto do passado, do mais recente ao mais longínquo. Desta forma, cabe “[...] a memória, onde cresce a história, que, por sua vez, a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (Le Goff, 1990, p. 478).

A etimologia da palavra Memória também afirma a relação com as temporalidades e com a propriedade de reter informações, na qual “[...] *me* significa manter, preservar, e *mores* significa costume, experiência, de modo que Memória refere-se ao ato de preservar as experiências, de manter os costumes” (Aquino, 2015, p. 2532, grifo do autor). A Memória, portanto, é uma das mais importantes características humanas, pois está tanto na constituição do sujeito quanto na base da sociedade, de maneira que é possível identificá-la nas lembranças pessoais, na oralidade, nos lugares, nos símbolos, nas comemorações, nos calendários, nos documentos, nos monumentos, entre outros meios. Assim, por se constituir de traços do passado, é, para o historiador, uma ferramenta relevante para a análise das experiências humanas ao longo do tempo e, para o professor de História, um conceito fundamental para fazer pensar historicamente com os estudantes da Educação Básica.

Para além disso, Catroga (2001) lembra características que fazem a Memória e seu trabalho por pesquisadores e professores serem relevantes para toda a sociedade, tais como a irresgatabilidade da Memória, a Memória como processo seletivo e a Memória não só individual. O primeiro refere-se ao fato de que a Memória vai do passado ao presente e não se detém nele. Ela está sempre se lançando ao futuro. Ela não consiste em uma regressão do presente ao passado, mas, sim, de um progresso do passado ao presente.

A segunda característica está no centro de uma contradição em que a Memória se sistematiza pelo duplo trabalho de esquecer para lembrar e de lembrar para esquecer. Não há Memória sem esquecimento. A terceira característica da Memória é que até mesmo a mais pessoal está em constante interação com outras memórias. O ser humano é histórico, social e está em constante processo socializador.

Conforme Meneses (1992), a Memória promove um processo permanente de construção e de reconstrução que ocorre no presente para responder às questões do presente, no qual “[...] é do presente que a rememoração recebe incentivo tanto quanto as condições para se efetivar” (Meneses, 1992, p. 11). Pode-se, ainda, relacionar Memória e Espaço, na medida em que sempre é gerada a necessidade do fazer espacial, tanto em suas relações, quanto em criar relações constantes. Assim é o Lugar, de acordo com Ricoeur (2007), um espaço de movimentos entre vidas que habitam e constroem de acordo com suas expectativas e suas demandas. Ainda, segundo Ricoeur, (2007, p. 157) tem-se que as

[...] lembranças de ter morado em tal casa de tal cidade ou de ter viajado a tal parte do mundo são particularmente eloquentes e preciosas; elas tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas; nessas lembranças tipos, o espaço corporal é de imediato vinculado ao espaço do ambiente, fragmento da terra habitável, com suas trilhas mais ou menos praticáveis, seus obstáculos variadamente transponíveis; [...] nosso relacionamento com o espaço aberto à prática tanto à percepção.

Neste Espaço Geográfico, as diversas memórias das pessoas sobre seus destinos e seus cotidianos se (trans)formam com suas particularidades, desejos, problemas, anseios, sentimentos e condições materiais limitantes. Com base nesse aporte teórico estabelecido, o professor pode desenvolver aprendizagens significativas com os estudantes.

A partir desses aportes, admite-se que essa ideia pode ser usada nas reflexões sobre o PNP, em especial na etapa de aplicação de questionários/formulários aos moradores/pedestres dos bairros estudados. Os moradores, ao relatarem as características, os problemas e as perspectivas em relação aos bairros, criam narrativas com base em suas memórias pessoais e coletivas que estão em (re)construção de acordo com a situação e o contexto de suas vidas. Os estudantes, assim, desenvolvem a aprendizagem sobre o bairro ao acessar e interpretar as memórias narradas por meio da oralidade em formato de relatos dos moradores. Memórias estas que podem apresentar crítica social, leitura e atuações diversas, frente às realidades dadas de problemas urbanos vividos no passado e no presente. Tal como explicitou Santos, M. P. (2007, p. 86),

[...] o passado ganha uma efervescência que responde a desafios não dele em si, mas do tempo presente, pontuado por disputas colocadas ao sujeito pelo meio social. Daí que nessa abordagem da memória seu caráter político-afetivo não pode ser descartado, mas sim apreciado como possibilidade de expressão de subjetividades e sensibilidades que têm importância nas ações dos sujeitos e, claro, na história passível de ser construída a partir da vivência dos mesmos.

Entende-se que os relatos colhidos pelos estudantes carregam valor simbólico, político e social, na medida em que apresentam e problematizam o seu cotidiano ao trazer os desafios urbanos à tona em suas narrativas empoderadas. Para Anhorn (2012), entender o passado como tradição e não como algo morto é uma maneira de presenciar o pregresso, no sentido de auxiliar o aluno a se localizar e a repensar soluções inéditas ou subjugadas - atrelada ao pensamento geográfico da época. Ou, em termos rüseneanos, ao estudar o antigo a partir das carências e dos interesses do tempo presente, em busca de orientação para a ação na vida prática, os jovens desenvolvem sua Consciência Histórica e a cultura histórica de sua comunidade, elementos fundamentais para a cidadania.

Outra contribuição útil para nossa análise é a investigação de Hrchorovitch (2025) que realizou a contextualização histórico-geográfica do município de Itapejara D'Oeste, no Paraná, por meio da metodologia do PNP. Para tanto, a pesquisadora e os estudantes promoveram entrevistas com os fundadores do município, assim como análise de documentos pessoais destes e dos livros de atas da Câmara de Vereadores e da Paróquia Municipal. Por tais vias, (re)construíram as lacunas da História e da Geografia do referido município via Memória e estudo do Lugar, de forma interdisciplinar. Sob nossa ótica, essa investigação inovou e tornou-se referência para reflexões acerca da relação entre a História, a Geografia e o PNP. Segundo Hrchorovitch (2025, p.49), a

[...] formação histórica e geográfica do lugar onde se vive permite aos munícipes se perceberem sujeitos da história, que precisa ser registrada, a partir das fontes confiáveis e estudadas de modo que incentive a reflexão crítica da própria realidade social e que se constitua em referência para o processo de construção, de identificação e de pertença.

A partir da articulação entre o Ensino de História, o Ensino de Geografia, o PNP e a formação cidadã, é possível levantar e reafirmar que a História apresenta conceitos fundamentais para o avanço do referido projeto nos próximos anos. Destarte, foi elaborado um quadro-síntese em formato de Figura (2) como forma de sistematizar nosso pensamento.

Figura 2 - Sistematização das contribuições de ensino de História para o projeto Nós Propomos!, 2026



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

O ensino de História e de Geografia, relacionados pelo trabalho interdisciplinar, pode construir uma interpretação mais apurada e complexa da sociedade, em especial do Lugar de vivência dos estudantes, por meio do PNP. Tem-se que o estudo do Lugar e da História Local, com atividades vinculadas à Memória, dos habitantes como testemunhas oculares e das fontes históricas, promove a cultura e Consciência Histórica discutida por Rüsen (2007, 2010) e, assim, a formação cidadã.

Considerações finais

Vive-se em um cenário educacional em que cada vez mais é necessário recorrer a um ensino para e pela democracia e pela formação cidadã na Escola pública brasileira. Entende-se que o ensino de História e de Geografia, especialmente articulados entre si, é um potente elemento que contribui para alcançar as demandas de aprendizagem dos estudantes da Educação Básica. A proposta de Ensino de Geografia, por meio do PNP, percorre uma trajetória de relevância para um ensino na perspectiva de formação cidadã e de compartilhamento de conhecimentos e de ações entre as escolas e suas comunidades locais. As reflexões do presente texto buscam vislumbrar possíveis contribuições de conceitos, como Consciência Histórica, Interdisciplinaridade, História Local e Memória, para auxiliar no desenvolvimento do PNP. Afirma-se, no entanto, a necessidade de mais pesquisas no campo do ensino e da extensão sobre as diversas contribuições, não somente de História e de Geografia, mas também de outros componentes curriculares.

Os citados conceitos carregam potencialidades da História e da Geografia para o campo da Educação com vistas às novas ações do PNP, com foco nos estudantes da Educação Básica. Ao permitir o fortalecimento do quadro conceitual relevante, comprometido com a formação cidadã, nossas considerações buscam novas possibilidades para as práticas do Ensino de História e de Geografia a partir da interdisciplinaridade, de modo a orientar consciente, crítica e criativamente a ação cidadã, demanda necessária e urgente nos diversos territórios em que o PNP tem contribuído para esperar e promover uma transformação social no ensino. Finaliza-se com questionamentos adicionais: quais outros conceitos do campo da História podem ser trabalhados no PNP? Quais outras articulações conceituais e metodológicas que a ciência Histórica e seu ensino podem propor para contribuir com o PNP? Quais os caminhos e perspectivas que o PNP apresenta em relação ao ensino de História? De que forma pode-se expandir os estudos históricos no PNP?

Referências

ANHORN, Carmen Teresa Gabriel. Teoria da história, didática da história e narrativa: diálogos com Paul Ricoeur. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 32, n. 64, p. 187-210, dez., 2012. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882012000200011>. Acesso em: 19 jul. 2025.

APPLE, Michael Whitman. *Ideologia e currículo*. Trad. Vinícius Figueira. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

AQUINO, Maurício de. Memória e temporalidade no ensino de história: questões conceituais e possibilidades metodológicas. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 7., 2015, Maringá. *Anais [...]* Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015. p. 2532-2545.

BASÍLIO, Edvar Ferreira; ARAÚJO, Raimundo Lenilde de; OLIVEIRA, Alexandra Maria de. Metodologias ativas de ensino e aprendizagem em geografia: o “projeto Nós Propomos!” como indutor de educação para a cidadania. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 25, n. 15, p. 5-29, jan./dez., 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v15i25.1447>. Acesso em: 19 jul. 2025.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção docência em formação).

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso: 2 fev. 2026.

CALLAI, Helena Copetti. Educação geográfica para a formação cidadã. *Revista Geografia Norte Grande*, Santiago, n. 70, p. 9-30, set., 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-34022018000200009>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2004, Coimbra. *Anais [...]* Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. p. 1-10. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4628269>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CARVALHO FILHO, Odair Ribeiro *et al.* Olhares docentes sobre a cidadania: considerações sobre os avanços e os desafios do projeto “Nós Propomos!” no estado de São Paulo. *Revista Signos Geográficos*, Goiânia, n. 4, p. 1-19, out., 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/signos.v4.72572>. Acesso: 10 jun. 2025.

CARVALHO FILHO, Odair Ribeiro. *O ensino de geografia e o estudo do local: o projeto Nós Propomos! no estado de São Paulo, Brasil*. 2020. 187 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-22072020-084056/en.php>. Acesso em: 2 fev. 2026.

CARVALHO FILHO, Odair Ribeiro; LASTÓRIA, Andrea Coelho; FERNANDES, Silvia Aparecida Souza. O projeto Nós Propomos! e o estudo do local: considerações sobre ações educativas em Ribeirão Preto/SP/Brasil. *Revista da Associação de Professores Portugueses de Geografia - APOGEO*, Lisboa, v. 1, n. 53/54, p. 132-148, jun./dez., 2019. Disponível em: https://apogeo.org/apogeo/APOGEO%2053_54_2019.pdf. Acesso em: 2 fev. 2026.

CARVALHO SOBRINHO, Hugo. *Educação geográfica e formação cidadã: o projeto Nós Propomos! no Distrito Federal/Brasil*. 2021. 213 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/42928>. Acesso: 10 jun. 2025.

CARVALHO SOBRINHO, Hugo; CARVALHO FILHO, Odair Ribeiro; LASTÓRIA, Andrea Coelho. Os quatro princípios-pilares para uma educação cidadã no século XXI e o projeto Nós Propomos! *Revista Querubim* - Revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais, Niterói, ano 17, p. 35-44, jun., 2021. <https://periodicos.uff.br/querubim/issue/download/2517/575>. Acesso: 13 jun. 2025.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 43-67.

CLAUDINO, Sérgio. Construir uma escola cidadã por meio do projeto Nós Propomos!: um desafio no espaço ibero-americano. *Sobretudo*, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 33-52, dez., 2019. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sobretudo/article/view/3881>. Acesso em: 10 jun. 2025.

CLAUDINO, Sérgio. Escola, educação geográfica e cidadania territorial. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Montalegre, v. 9, n. 494, p. 1-10, dic., 2014. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/14971>. Acesso: 13 jun. 2025.

CLAUDINO, Sérgio; COSCURÃO, Ricardo. Educação geográfica e cidadania. O projeto Nós Propomos! em Portugal 2019/20. *Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 7-16, ago., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33025/grgcp2.v6i11.2738>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GOMES, Marquiana Freitas Vilas Boas. A contribuição da extensão universitária na formação inicial dos professores de geografia. In: VALLERIUS, Daniel Mallmann; MOTA, Hugo, Gabriel; SANTOS, Leovan Alves (org.). *Ensino de geografia, cidadania e redes colaborativas: múltiplos olhares*. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022. p. 279-303.

GOMES, Marquiana Freitas Vilas Boas. Contribuição do projeto Nós Propomos! Guarapuava à formação inicial do professor de geografia. In: GOMES, Marquiana Freitas Vilas Boas. *et al.* (org.). *Formação de professores de geografia no projeto Nós Propomos! Guarapuava: contribuições pedagógicas para a agenda da ONU de 2030*. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2023. p. 24-39.

GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. 13. ed. Campinas: Papirus, 2012. (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).

HRCHOROVITCH, Gracieli Daiane Gnoatto. *O contexto histórico-geográfico do município de Itapejara D'Oeste/PR e a participação cidadã por meio da metodologia do projeto Nós Propomos!* 2025. 224 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Ciências Humanas, Campus de Francisco Beltrão, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2025. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/8036>. Acesso: 20 nov. 2025.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 1990.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 34, p. 9-23, 1992.

MORAES, Loçandra Borges *et al.* O projeto Nós Propomos! Goiás: concepção teórica e metodológica. In: OLIVEIRA, Karla Annyelly Teixeira de; CAVALCANTI, Lana de Souza; MORAES, Loçandra Borges (org.). *Projeto Nós Propomos! Goiás*. Construção do pensamento geográfico e atuação cidadã. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022. p. 25-44.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *Novos combates pela história: desafios - ensino*. São Paulo: Contexto, 2021.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. *Para ensinar e aprender geografia*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PRADO, Maria Ligia. Defesa do ensino de história nas escolas. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *Novos combates pela história: desafios - ensino*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 51-79.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

RÜSEN, Jörn. A história entre a modernidade e a pós-modernidade. *História, Questões & Debates*, Curitiba, v.14, n. 26/27, p. 80-101, jan./dez., 1997.

RÜSEN, Jörn. *História viva: teoria da história, formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora UNB, 2007.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UNB, 2010.

SANTOS, Márcia Pereira dos. História e memória: desafios de uma relação teórica. *OPSIS*, Catalão, v. 30, n. 9, p. 81-97, jul./dez., 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/Opsis/article/view/9331>. Acesso em: 30 mar. 2026.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e o meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SILVA NETO, Miguel. *Projeto Nós Propomos! educação geográfica para a cidadania no contexto do Piauí/Brasil*. 2023. 193 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2023. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=14014602. Acesso em: 2 fev. 2026.

SILVA NETO, Miguel; NUNES, Sérgio Claudino; ARAÚJO, Raimundo Lenilde. O conceito de cidadania territorial pelo projeto Nós Propomos!. In: FAÇANHA, Antonio Cardoso; VIANA, Bartira Araújo da Silva; VALLADARES, Gustavo Souza. *Geografia e produção do espaço: educação, sociedade e natureza em perspectiva*. Sobral: Sertão Cult, 2025. p. 83-93.

Odair Ribeiro de Carvalho Filho

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), da Universidade de São Paulo (USP). Possui graduação em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007), graduação em Pedagogia pela Universidade de Uberaba (2010), graduação em Geografia pela Universidade Metropolitana de Santos (2014), mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), da Universidade de São Paulo (USP) (2020). Membro do grupo ELO (Estudos da Localidade) da Universidade de São Paulo (USP), professor de Geografia - ETEC José Martimiano da Silva e professor de Geografia e PEB III da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Membro da rede iberoamericana Nós Propomos!, membro da Rede Nacional de Pesquisadores em Educação nas Periferias Urbanas - RENAPEP.

Endereço profissional: Rua Tamandaré, n. 520, Campos Elíseos, Ribeirão Preto, São Paulo.

CEP: 14085-070

E-mail: or.cf@usp.br

Considerações sobre as contribuições do ensino de história para o projeto “Nós Propomos!...

Carvalho Filho, Odair Ribeiro de; Santos, José Faustino de Almeida; Lastória, Andrea Coelho

José Faustino de Almeida Santos

Doutor em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP/USP); Mestre em Educação no mesmo programa; Graduado em História e Geografia - Licenciatura Plena pelo Centro Universitário Barão de Mauá e pela Universidade de Franca, respectivamente. Atua como professor adjunto do Centro Universitário Barão de Mauá.

Endereço profissional: Rua Ramos de Azevedo, n. 423, Jardim Paulista, Ribeirão Preto, São Paulo.

CEP: 14090-062

E-mail: prof.fautino@hotmail.com

Andrea Coelho Lastória

Livre-Docente em Educação, na área de Ensino de Geografia, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), Universidade de São Paulo (USP). Pós-Doutorado em Didática da Geografia e História na Universidade de Oviedo, Espanha. Mestre e Doutora em Educação, na área de Metodologia de Ensino, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Licenciada e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Rio Claro e em Pedagogia pela Faculdade Plínio Augusto do Amaral (SP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Aplicada do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA) e Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz (ESALQ/USP) e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da FFCLRP/USP.

Endereço profissional: Av. Pádua Dias, n. 11, Piracicaba, São Paulo.

CEP: 13418-900

E-mail: lastoria@usp.br

Recebido para publicação em 30 de janeiro de 2026.

Aprovado para publicação em 10 de junho de 2026.

Publicado em 1º de julho de 2026.

21